

Nº 1266

N. ALEX



sempre
fixe

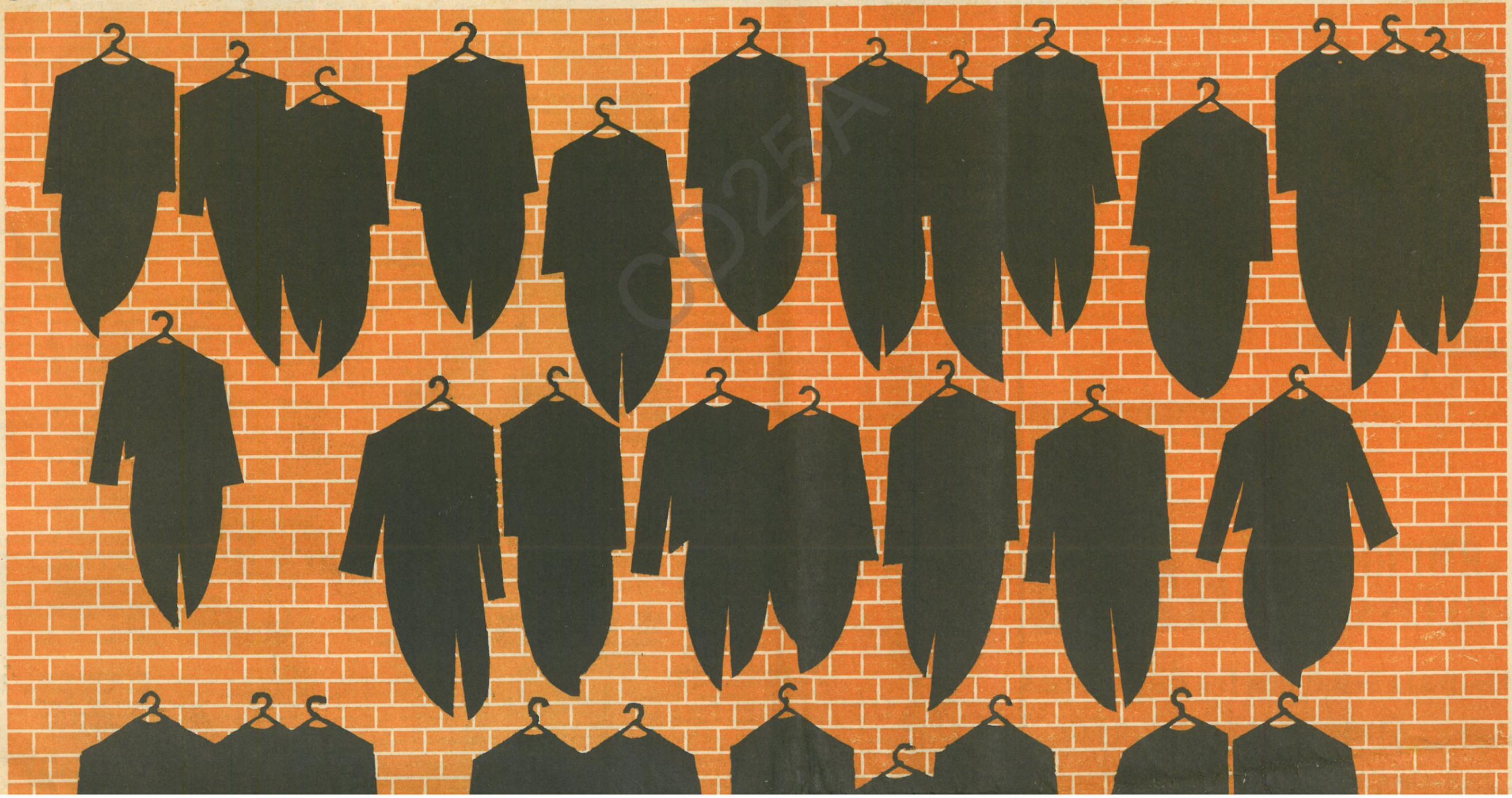
NUMERO 5/2.ª SERIE
ANO I
HOJE: 24 PÁGINAS
E UM SUPLEMENTO
(MAGAZINE) A CORES

SEMANÁRIO POPULAR

REG. 2022/05/26
4
MAIO
SÁBADO
REP.

18476-b.9
18477-p.11

sem mãos a medir



via, por decisão administrativa, erguer-se diante de si a barreira da estupidez e a acção do crime. E temos, ainda, outro documento impressionante: o auto de apreensão do livro de Modesto Navarro «Emigração e Crise no Nordeste Transmontano», determinado pela sinistra PIDE/DGS e a que procedeu o representante daquela polícia José António de Jesus Rodrigues. Pensamos, com alívio, que esta foi a última apreensão da PIDE/DGS e pensamos, com alívio, que a circular da Direcção-Geral de Informação, que reproduzimos, foi também a última dimanada daquele departamento do Estado fascista saído do 28 de Maio. Abrem-se novos caminhos ao pensamento português, finalmente liberto. E ao ler os títulos dos livros proibidos, compete perguntar: Quem mandou apreender? Com que direito? A revolução de 25 de Abril, chegou muito tarde... mas finalmente chegou. Eis a lista dos livros proibidos pela circular de

Massas, de Vladimir Ulianov; «A Vingança do Filho da Mãe», de Vilhena. Proibidos de circular os seguintes: «Hierarchie des Salaires et Lutte des Classes», de Pierre Renval; «Contre-révolution et Revolte», de Herbert Marcuse; «Le Métier de Militant» de Daniel Mothé; «Manifeste du Parti Socialiste Unifié»; «Amours Juveniles» de Fukwell; «Che-Selected Words Of Ernesto Guevara», seleccionada por Roland E. Bonachea e Nelson P. Valdés; «L'Enfer du Sexe — Le Vrai Problème de La Censure» de Youl Belhomme; «Fidel de Castro — Major Speeches»; «In the Eye of the Storm», de Basil Davison; «Lenine-Telegrammes 1918-20» de Alain Moreau; «Le Livre Blanc de L'Avortement», «A Nova Mulher e a Moral Sexual», de Alexandra Kolontay; «Poemas do Cárcere», de Ho-Chi-Minh; «Le Portugal Baillomé», de Mário Soares; «Socialismo e Sindicalismo no Brasil», de Edgar Rogrigues.

coisa que me interessa e que o público goste. Se os críticos não gostam, a culpa não é minha: é problema deles. — O que fez durante o último ano, para além de divulgar o seu filme? — Como sabe, além de andar com o filme, eu canto sempre antes da fita se exhibir: 10-12 canções. Portanto, tenho andado a cantar por esses lados todos. — O êxito habitual? — Não sei. Tenho muitas coisas guardadas, muitos recortes, várias referências ao filme. O eu dizer que «tive êxitos» acho que é uma coisa muito cretina. Logo, se alguém quiser saber se os tive ou não, não serei eu a dizê-lo. A única coisa que posso fazer é mostrar umas «coisas» que tenho guardadas em casa. — Portanto, satisfeito com estas digressões? — O mais possível: se o filme e o meu espectáculo tivessem caído na estreia, em Luanda, não poderia ter a continuidade que conseguí. Como disse, isto tudo dura já há 14 meses e não

que apareceram agora são tão «extraordinárias», que a gente, realmente, não tem nada já que fazer aqui. «Eles» aqui é que estão bem. A gente é que tem que fazer noutros lados, temos outros campos à nossa frente. Vamos deixar este campo a cultivar com um saccho e uma charrua (agora as coisas já se fazem com tractores). «Eles» vão levar esses tractores (Têm que ter cuidado, com a falta de gasolina que há) eu, pelo meu lado, o Xico Zé (que também vem cá e vai logo para o Brasil), o Rui (que vem aqui mas regressa para a América), o Tristão (que se não vai, é porque não quer ir: valor tem ele), não temos necessidade de cá morarmos. A gente vem cá de vez em quando, temos cá a nossa família, temos cá os nossos amigos antigos: e vamos continuar a cantar, se Deus quiser. Vamos então deixar este campo para essa gente que está toda aí a desabrochar, com várias canções lindíssimas... Sabe que a nossa música, a música portugue-

se não altera absolutamente o sentido nem o conteúdo do filme. Contudo, logo que receba o fragmento, apresentaremos a versão integral. Em relação a próximos filmes, acidentalmente, nenhum deles sofreu cortes. Entretanto, tivemos a informação de que a Rank possuía uma cópia do célebre filme de Bertolucci, «O último tango em Paris», facto que o sr. Francisco Duarte, não nos confirmou. Contudo, a respeito da censura moral aos filmes, o administrador daquela empresa disse: «Ainda é um pouco cedo para falarmos sobre essas coisas. Sei que já houve uma reunião entre o Grémio e o Sindicato do Cinema e parece haver uma comunhão de interesses e uma identidade de esforços nos vários sectores que interferem no espectáculo cinematográfico, no sentido de se definirem critérios... Quanto a mim, o cinema é um meio de educar as massas, e não o contrário...» E mais não disse, não sem ter deixado porta aberta para posteriores declarações, que oportunamente traremos ao conhecimento dos nossos leitores.

— Tem alguma ideia dos discos que vai gravar? — Está a falar a sério, ou a brincar? É que a gente, agora, tem estado a brincar. Temos estado a brincar, mas muito a sério. Vamos, então, falar de coisas positivas. Como disse há quase dois anos que não gravo. Agora, como já tenho material, vou fazê-lo. Há uma ideia muito engraçada que (tenho a impressão, não digo a certeza), é a primeira

que já falei. Não direi que vão agradar: mas, pelo menos, as pessoas vão ouvir-las, e o essencial é que as pessoas nos ouçam. — Como é que acha, na realidade, o actual meio da nossa música? — Acho muito bem, pois «eles» tiveram uma intenção ótima, seguindo (digamos), uma evolução mundial. Houve uma alteração de ritmos, novas invenções, outros processos musicais, com todos esses aparelhos electrónicos. Tudo isso eu acho muito bem, foi próprio duma época. Agora, há uma coisa que eu não perdoo (e os nossos autores não têm culpa disso): o nosso meio musical, a nossa música, foi sempre só uma. Não foi alterada, de maneira nenhuma. Nós, só tivemos, como «música portuguesa», folclore e uma «coisa» chamada fado. Nunca houve mais nada. A gente importou música, andamos a importar música, querem-nos impor uma música importada: e dizem-nos que «aquilo» é a nova música portuguesa. É mentira: aquilo não é nosso, não foi criado por ninguém de cá... Como não houve criação, não pode ser de cá. O «eles» disserem que cantar o importado é que é bom, aí, é uma opinião. Agora, música portuguesa? Conheço o folclore e o fado, não conheço mais nada. E quem me quiser provar o contrário, que venha conversar comigo... Quanto às alterações todas que «eles» lhe queiram dar (porque a música portuguesa não presta...), estamos de acordo. Mas, se vamos para esse campo, também há muitas coisas desses próprios senhores que eu posso considerar como sem valor. Posso, até dizer que algumas dessas produções são locais: lá para fora é outra loiça. Por cá, eu acho que é bom consumir os nossos produtos: o que não quer dizer que a gente não goste de caviar. O que temos de impor é aquilo que é nosso: o resto são fantasias. O eu dizer que já estive aqui, estive ali, eu sei, eu conheço, isso é muito engraçado para a gente contar em reuniões familiares... — Nas suas actuações lá fora, que género de música utiliza? — A música portuguesa, as canções que sempre cantei e que são do meu repertório. Nunca cantei em nenhuma língua estrangeira, até porque não sei falar bem nenhuma. Aliás, sei falar algumas, relativamente

cedores dos gostos do público, esta revista agora remodelada e, ao que parece, a sofrer nova remodelação dentro em breve por força das mudanças radicais ultimamente operadas no que diz respeito à liberdade de expressão, e por uma música que consegue agradar pela diversidade de ritmos e estilos, «Ver, Ouvir e Calar» conseguiu, por enquanto, ser a melhor revista que este ano se apresentou no Parque Mayer, já porque conta com o talento indiscutido de Ivone Silva, Mariema, Henrique Santana e Salvador, como também parece ser o espectáculo onde o equilíbrio dos seus textos aliado a uma coreografia marcadamente bem trabalhada e a um guarda-roupa que é como já foi dito dos melhores que temos visto.

A destacar de entre todos o delicioso trabalho de Henrique Santana e Vitor Mendes no quadro «Conserve a Porcalhota Limp» seguido a certa distância pela renovada prova de talento de Ivone Silva em «Simplesmente Maria» e novamente Henrique Santana em «Histórias da Música» e «Clube dos Donos de Casa» a provar que este actor tem muito que dar ainda ao teatro de revista. Seria esquecimento imperdoável não citar nestas linhas o nome de Mariema, actriz experiente cuja presença é garantia de qualidade assim como o de Salvador, «compère» por vocação.

Com a inclusão dos novos números «O Novo Compère», «Miss James Boa», «Senhora das Compras», «Conserve a Porcalhota Limp», «Compradora e Vendedor de Automóveis», «Senhora do Gato», «O Corta Tudo», «O Festival da Canção do Manicóbio» e «Canções de Paris» e a manutenção dos quadros «Zé», «Senhora dos Aumentos», «Simplesmente Maria», «Cleópatra», «Matadora Portuguesa», «Clube dos Donos de Casa», e «Histórias da Música», os responsáveis por esta revista terão conseguido montar um espectáculo bastante homogéneo onde é forçoso destacar a existência dum luxuoso e bem imaginado guarda-roupa a par de um conjunto de cenários modernos e de boa concepção plástica. Formada por textos escritos por conhe-



Ivone Silva e Salvador em «A Senhora das Compras».

FILMES PROIBIDOS EM BREVE NO CARTAZ

«PRESIDÊNCIA DA REPUBLICA, JUNTA DE SALVAÇÃO NACIONAL, Directiva para o funcionamento provisório da COMISSÃO DE EXAME E CLASSIFICAÇÃO DE ESPECTÁCULOS:

1. De acordo com o parágrafo A. 2. G. do Programa do Movimento das Forças Armadas fica abolida a Censura.
 2. Manterá dependência para efectuar a classificação etária dos espectáculos, dentro do espírito do Programa.
 3. Cessa todas as funções no respeitante às projecções de Rádio Televisão Portuguesa.
- Lisboa, 29 de Abril de 1974.
- Com este documento, termina assim, em Portugal, a censura política, ideológica e moral aos espectáculos de todos os tipos.
- Pela sua maior penetração no público nacional, o Cinema anda pelas bocas do mundo. Estão neste momento em exibição, em Lisboa, 34 filmes, todos eles devidamente vistos e aprovados pela Censura; muitos, certamente sofreram «cortes», de maior ou menor importância e extensão. Por outro lado sobemos que os fragmentos das películas que sofreram «intervenções», eram guardados nos arquivos da Di-

recção do Serviço de Espectáculos. Tendo em conta a actual situação, qual será a posição das principais empresas distribuidoras (e em alguns casos, mesmo, exibidoras, pois são proprietárias de salas de cinema) perante a possibilidade de oferecerem ao público os filmes nas suas versões integrais? Nesse sentido contactámos várias empresas. A primeira, foi a Astória Filmes, representada pelo sr. João Formosinho, que nos informou não ter aquela empresa, de momento, nenhum filme em exibição. Contudo, acrescentou, «os próximos filmes serão já todos sem censura».

«Couraçado Potemkin»

Almeida Faria, da Doperfilme, foi categórico: «Vamos apresentar as versões integrais, imediata-

mente. Espero que amanhã mesmo (esta conversa decorreu na tarde de terça-feira passada) os filmes «O Porteiro», «Os heróis» e «Ritual», do Ingmar Bergman, que estão em exibição, já sejam exibidos integralmente.»

A Doperfilme vai apresentar proximamente alguns filmes que estavam proibidos, entre os quais «Ferido na honra» e «O Couraçado Potemkin», de Eisenstein. Este último já estará em exibição quando esta edição do «S.F.» estiver na rua.

O sr. Luís Silva, da Lusomundo, distribuidora que neste momento tem vários filmes, em Lisboa, entre os quais, «A Golpada», «American Graffiti» e «Jesus Crist Superstar» mostou-se mais preocupado com as classificações etárias atribuídas pela ex-censura dos espectáculos. Segundo ele, aqueles três filmes foram classificados para idades muito superiores ao razoavelmente admitido.

«Assim que conseguirmos recuperar os «cortes»... Um momento... Dize-me aqui que neste mesmo momento já está uma pessoa da empresa a tentar arranjar os pedaços de película que ficaram arquivados na Censura», co-

meçou por nos dizer Gerardo Castello Lopes, administrador da distribuidora do mesmo nome. E continuou: «O primeiro filme a ser exibido em versão integral, é o «Hiroshima, meu amor», que está no Londres.»

Interrogado sobre os próximos filmes a apresentar nos cartazes de Lisboa, Castello Lopes, disse-nos: «Aqui também estamos em grande efervescência... Não temos muitos filmes para exibição que não tivessem ido já à Censura. De qualquer modo, vamos estreiar o mais rapidamente possível, dois filmes que estavam proibidos: «La prima della rivoluzionne», de Bertolucci e «Sacco e Vanzetti».

Problemas morais e culturais

Francisco Duarte, administrador da Rank, proprietária do cinema S. Jorge, onde, de momento, se exhibe «Tchaikovsky, Delírio de Amor», afirmou à nossa reportagem: «O filme que temos em cartaz sofreu apenas um corte, aliás muito pequeno — coisa de 5 metros — que

meçou por nos dizer Gerardo Castello Lopes, administrador da distribuidora do mesmo nome. E continuou: «O primeiro filme a ser exibido em versão integral, é o «Hiroshima, meu amor», que está no Londres.»

Interrogado sobre os próximos filmes a apresentar nos cartazes de Lisboa, Castello Lopes, disse-nos: «Aqui também estamos em grande efervescência... Não temos muitos filmes para exibição que não tivessem ido já à Censura. De qualquer modo, vamos estreiar o mais rapidamente possível, dois filmes que estavam proibidos: «La prima della rivoluzionne», de Bertolucci e «Sacco e Vanzetti».

Problemas morais e culturais

Francisco Duarte, administrador da Rank, proprietária do cinema S. Jorge, onde, de momento, se exhibe «Tchaikovsky, Delírio de Amor», afirmou à nossa reportagem: «O filme que temos em cartaz sofreu apenas um corte, aliás muito pequeno — coisa de 5 metros — que